

QUEM TEM MEDO DO MÉTODO? REFLEXÕES SOBRE METODOLOGIA DE PESQUISA

Aline do Rocio Neves ¹

Patrícia Sene de Almeida²

RESUMO

Este trabalho traz uma reflexão acerca das motivações que levam a etapa metodológica de pesquisas acadêmicas se tornar um “entrave” na elaboração de artigos, relatórios, projetos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e outros documentos científicos. Seu objetivo está em propor estratégias para a elaboração de pesquisas científicas em sua etapa metodológica, destacando elementos fundamentais para a estruturação.

Palavras-chave: Método. Pesquisa. Escrita acadêmica.

ABSTRACT

This essay reflects on the motivations that lead the methodological stage of academic research to become an “obstacle” in the elaboration of articles, reports, projects, course conclusion works, dissertations, theses and other scientific documents. Its objective is to propose strategies for the elaboration of scientific research in its methodological stage, highlighting fundamental elements for structuring.

Keywords: Method. Search. Academic writing.

INTRODUÇÃO

Embora pareça distante, a pesquisa está diretamente relacionada aos processos de ensino. Freire (2018, p. 30) já alertara que “não há ensino sem

1 Mestre em Direitos Humanos e Políticas Públicas. Professora Conteudista disciplina de “Fundamentos Sociológicos para o Serviço Social” - Faculdade UNINA. Professora Conteudista do curso de “Pós-graduação Teórico-Prática sobre o Sistema Único de Assistência Social/SUAS, disciplina “Ética profissional, responsabilidade social e relações humanas” - Faculdade Pólis Civitas. Cientista Social e integrante do Grupo de Pesquisa “Sociedade, Direitos Humanos e novas formas de solução de conflitos” - Núcleo de Direitos Humanos da PUCPR. E-mail: alinedorocioneves@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7350-585X>

2 Doutoranda em Ciência Política (UFPR – Bolsista Capes, Brasil). Cientista Social e Mestra em Gestão Urbana (PUCPR). Coordenadora de Ensino e Pesquisa no CIdaPOL (UDESC). E-mail: patriciasenealmeida@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6978-7348>

pesquisa e pesquisa sem ensino”, apontando para a proximidade entre esses âmbitos no contexto da aprendizagem.

Apesar de próximos, pesquisa e ensino se colocam cotidianamente distantes na medida em que o ensino dos métodos de pesquisa se baseia na transferência do conhecimento (FREIRE, 2018), fazendo com que diversos estudantes, dos distintos níveis de escolaridade, encontrem dificuldades e “medos” na etapa da construção e descrição metodológica de suas pesquisas, que são individuais e subjetivas.

Nesse sentido, este ensaio tem como base a trajetória profissional no ensino e na pesquisa e as dimensões subjetivas e individuais da escrita acadêmica. A experiência em pesquisa das autoras, adquirida nos últimos dez anos – passando pelas etapas de graduação, iniciação científica, especialização, pós-graduação e o trabalho com consultoria acadêmica³ –, fez com que se despertasse o interesse em criar estratégias facilitadoras para atender aos principais receios e dificuldades de acadêmicos no que se refere aos métodos de pesquisa.

O objetivo deste artigo é propor reflexões e ações para contribuir com os processos formativos acadêmicos de metodologia de pesquisa. Através de análise bibliográfica, busca-se refletir as motivações que levam a etapa metodológica de pesquisas acadêmicas se tornar um “entrave” na elaboração de artigos, relatórios, projetos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e outros documentos científicos, bem como identificar as melhores estratégias de elaboração dos métodos de pesquisa.

O artigo busca elencar as benesses de três aspectos: i) o planejamento, ii) a identificação de elementos estruturantes da produção (saber exatamente a composição do trabalho científico que se pretende desenvolver⁴), e iii) a identificação de elementos que serão considerados e/ou avaliados. Pretende-se, assim, oportunizar aos(as) acadêmicos/autores/pesquisadores possibilidades

3 A SCA Consultoria é uma microempresa idealizada por mulheres pesquisadoras e professoras que buscam democratizar conhecimentos técnicos e metodológicos do campo científico por meio do ensino. Seu propósito está em, através da prestação de serviços de revisão, normatização, orientação e reestruturação de textos e outros trabalhos técnicos e acadêmicos, instruir estudantes de distintos níveis de escolaridade sobre a produção científica. Instagram: @sca.consultoriaacd .

4 O que o trabalho/pesquisa deve conter -introdução, metodologia, desenvolvimento, discussão, resultados, conclusão-).

que auxiliem no desenvolvimento de pesquisas científicas, no geral, e, deste modo, desmistificar os “monstros metodológicos” que os rondam, apresentando de forma didática os aspectos fundamentais da metodologia de pesquisa e a importância de delimitá-la e detalhá-la minuciosamente.

Depois desta introdução o artigo está dividido em cinco seções: a segunda discutindo as dificuldades que envolvem a pesquisa acadêmica; a terceira, apresentando elementos fundamentais à construção metodológica de pesquisas científicas; a quarta refletindo questões de plágio; a quinta, tratando de aspectos que compõem uma pesquisa considerada “relevante”.

PESQUISA ACADÊMICA: UM “BICHO DE SETE CABEÇAS”

Ao iniciar a carreira acadêmica, independentemente da área de formação e profissão, são inúmeras as dificuldades encontradas, especialmente devido ao processo de transição do ensino médio para o superior.

Independentemente de qual seja a área – Ciências Humanas, Ciências Exatas, Ciências da Natureza, Tecnologia, Ciências Sociais, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Médicas ou da Saúde, dentre outras, ao se especializar, grande parte das pessoas no início de suas trajetórias acadêmicas sentem-se desafiadas/dos, e certamente, frágeis, inseguras, o que é extremamente compreensível em meio ao processo de ensino e aprendizagem e à assimilação de conteúdos e conhecimentos específicos.

Os processos formativos são progressivos e subjetivos e ocorrem em paralelo às vivências. Em meio às realidades de vida – que são distintas e específicas – cada indivíduo inserido no âmbito acadêmico se vê diante de múltiplas tarefas a serem realizadas, exigindo estratégias e adaptações constantes para atender e cumprir prazos de entrega e leituras, que se acumulam em extensas e infindáveis listas.

Com o passar do tempo e dos períodos da graduação e/ou disciplinas cursadas, bem como, da participação de programas institucionais ou da prática profissional por meio de estágios supervisionados obrigatórios, cada estudante avança no sentido de se tornar pesquisadoras/es mais seguras para verbalizar, escrever e/ou executar sua prática profissional.

Ao fazer uma pesquisa e torná-la um produto concreto, real, a escrita

é permeada por receios; com frequência o texto parece raso, superficial e as paráfrases predominam diante do medo de consolidar um plágio e/ou de não referenciar adequadamente os/as autoras/es. No âmbito acadêmico é comum referenciar e mencionar autoras/es que são ou tornam-se referências em determinadas áreas e temáticas a partir de seus estudos, comprovados cientificamente, por meio de argumentos de autoridade e dados científicos, seguros, cujos resultados podem ser replicados ou questionados a partir do método utilizado.

Quando o autor/pesquisador não possui formação ou títulos não tão conceituados quanto os dos pesquisadores daquela temática específica – que se dedicaram durante anos sobre aquele objeto de estudo – contemplada em um trabalho acadêmico, é ético e recomendável que se referencie adequadamente quem os desenvolveu. Do mesmo modo, caso não o faça, então trata-se de apropriação de propriedade intelectual, que além de ser uma expressão de desonestidade, é plágio⁵, e gera um status ruim ao estudante, podendo comprometer sua carreira acadêmica.

O método é “malvado favorito” dos pesquisadores, e por isso, justifica-se o título desta seção do artigo, pois, a metodologia é a “cereja do bolo” da pesquisa. Uma pesquisadora, independentemente da sua área de atuação e conhecimento, pode ser reconhecida/o, bem como desqualificada/o ou questionada em função dos caminhos metodológicos adotados em seu estudo.

Obviamente que a supervalorização de determinadas áreas do conhecimento e seus métodos em detrimento de outras são questionáveis. De acordo com a Teoria Crítica dos Direitos Humanos, e como os autores Comparato (1997); Flores (2000); Quijano (2005); Ruiz (2014); Gallardo (2014); Bragato (2014); Rubio (2015) entre outros que questionam a “colonialidade do saber/poder” argumentam, ao longo da história e da consolidação das ciências uma suposta “rigoriedade científica” foi propagada e relacionada à “neutralidade” em procedimentos e métodos, entretanto, esta percepção consolidou-se por meio do que George Orwell (2005) denominaria como uma “história escrita, editada, e publicada pelos vencedores”, ou seja, com raízes coloniais, eurocêntricas, patriarcais, racistas.

5 Mencionar trechos de ‘outros autores’ sem referenciá-los, e/ou apropriar-se de ideias de outrem citando-as sem referenciá-las pode ser caracterizado plágio.

Cada área do conhecimento possui sua predileção por abordagens, linhas teóricas, métodos e procedimentos metodológicos e existem as predileções individuais do/a pesquisadora, que podem se dar em função da facilidade para se apropriar de determinados conhecimentos ou pela familiaridade com autores/abordagens/métodos.

Algumas áreas do conhecimento possuem uma “tradição” no esforço metodológico de “redução de viés”. Entretanto, há abordagens e áreas que endossam a impossibilidade de consolidação deste aspecto, pois, qualquer pesquisador/a no decorrer do desenvolvimento de uma pesquisa, por mais que se esforce para distanciar-se do seu objeto de estudo, até mesmo o seu “capital cultural e linguístico”, vocabulário, a sua visão/compreensão/interpretação do mundo, estarão presentes em todas as suas expressões, em sua fala, em sua escrita e, deste modo, as preferências dos autores/as nem sempre podem ser anuladas. É nesse sentido que Weber (2006) argumenta que até mesmo a ciência não pode excluir a intervenção de valores, preferências e ideologia em seus procedimentos. Valores individuais estão presentes em todos os lugares, mesmo que de forma implícita.

Pesquisar e/ou desenvolver um trabalho acadêmico significa realizar escolhas epistemológicas e teórico metodológicas seguras, delimitadas e justificadas.

[...]Epistemologia é a ciência da aquisição de conhecimento, que determina:

1. (os temas) quais temas ou tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro.
2. (os paradigmas) quais narrativas e interpretações podem ser usadas para explicar um fenômeno, isto é, a partir de qual perspectiva o conhecimento “verdadeiro” pode ser produzido.
3. (os métodos) e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro (RIBEIRO,2020, p.86)

Na obra “Lugar de fala” (2019), a filósofa Djamilla Ribeiro cita Grada Kilomba para demonstrar a importância da “Descolonização do conhecimento”, ressaltando aspectos que demonstram o “Colonialismo de saber”. A autora destaca que “escolhas epistemológicas” estão relacionadas com aquilo/aquele/a

que se legitima como referência em dadas áreas de conhecimento e que, portanto, embasam o que cada um/uma entende por “conhecimento verdadeiro”.

MÉTODO: DEFINIÇÃO, CAMINHOS E INSTRUMENTOS

Sergio Simka (2016) destaca o que observara em sua prática profissional, onde corriqueiramente ao solicitar que os estudantes universitários realizassem a produção de um texto, estes começavam a desenvolver o que fora solicitado sem preocupar-se com “a forma de organização do texto” (p. 16). Ou seja, existem métodos até mesmo para a realização da escrita. Uma vez que toda produção passa por processos de avaliação, nada mais racional e estratégico que elencar todos os aspectos desta avaliação a fim de desenvolver um trabalho exitoso.

Faz-se necessário resignificar o que é um texto, assim como objetivamente saber qual a intencionalidade de produzi-lo. Se o texto em questão é uma produção acadêmica, este possui aspectos estruturais que o compõem, logo, uma escrita livre que não contemple esses aspectos, receberá críticas. Um texto acadêmico não é um acumulado de palavras no universo, tal como materiais desenvolvidos nos níveis de ensino fundamental e médio. A concepção de texto precisa superar o senso comum, adotando uma metodologia específica, ou seja, compreendendo todos os aspectos que o compõem (Quadro 1).

Obviamente é necessário lidar com a autoestima linguística, que não raras vezes é baixa: sentimentos de superficialidade e/ou “autossabotagem”, tornando esse processo de escrita e desenvolvimento de trabalhos acadêmicos algo difícil, doloroso e, até mesmo relacionado à sofrimentos psíquicos, podendo, inclusive, resultar em adoecimento, tornando-se fator de interferência em questões de saúde mental.

Quadro 1 – METODOLOGIA DA ESCRITA

Definições e aspectos fundamentais	
TEXTO	<p>Ao produzir um texto recomenda-se considerar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Produção de texto é “um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos” (CAVALCANTE, 2013, p. 19) 2) “o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2009, p. 33).

ESCREVER	Planejamento e/ou plano textual: 1) escrever, recai no processo que leva ao produto final (CALKINS, 1989, p. 26); 2) o ato de escrever obedece a distintas “etapas” (SIMKA, 2016, p. 18) 3) um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (BEAUGRANDE, 1997, p. 10). 4) Estratégias de escrita segundo KOCH; ELIAS (2010, p. 34): i) Ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa; ii) Seleção, organização e desenvolvimento das ideias; iii) “Balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; entre informações “novas” e “dadas”; iv) Revisão da escrita ao longo de todo o processo.
PRODUÇÃO ACADEMICA	O produto final é obtido por meio de uma série de operações e que para cada etapa constitutiva do processo de escrever existem procedimentos específicos (PASSARELLI, 2012, p. 153). i) 1ª. etapa: planejamento; ii) 2ª. etapa: tradução de ideias em palavras; iii) 3ª. etapa: revisão e reescrita; iv) 4ª. etapa: editoração

Fonte: A autora, adaptado de Simka (2016).

Desenvolver uma pesquisa, bem como, a escrita de um texto a partir de um planejamento, é uma estratégia facilitadora para o autor/pesquisador. Sabe-se exatamente o que o trabalho/pesquisa deve conter, assim como quais aspectos serão considerados e/ou avaliados. Abaixo, o Quadro 2 elenca os aspectos fundamentais da metodologia de pesquisa científica. Cada pesquisa possui uma natureza de pesquisa (qualitativa, quantitativa ou mista -mescla métodos distintos-), de acordo com a predileção da autoria do estudo, área de conhecimento, e preferências, então abordagens, instrumentos e técnicas de pesquisa serão adotadas, definidos a natureza da metodologia da pesquisa, instrumentos, técnicas e abordagens, como estratégia facilitadora propõe-se a elencar aspectos gerais fundamentais da pesquisa no Quadro 2:

Quadro 2 – MANUAL ESTRUTURAL DE TEXTOS E PESQUISAS ACADEMICAS

Definições e aspectos fundamentais	
Trabalho acadêmico	1) Ortografia oficial e digitados em folhas de papel tamanho A4. 2) Número de páginas, consultar as normas editoriais da instituição/ evento/periódico científico. 3) Um artigo científico por exemplo deve possuir de 15 a 20 páginas aproximadamente.

Resumo	<ol style="list-style-type: none"> 1) Resumo de um artigo científico possui em média de 150 a 250 palavras. 2) Possui formato estruturado, contendo: objetivos, métodos, resultados e conclusões.
Palavras-chave	<ol style="list-style-type: none"> 1) De três e cinco palavras-chave, 2) Escritas no mesmo idioma do trabalho, 3) As palavras-chave são separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto.
Abstract	Pode ser definido como uma tradução fiel do resumo. Assim como, as “Keywords” são uma tradução fiel das palavras-chaves, mantendo a formatação destas.
Títulos das sessões	Os títulos das sessões devem ser posicionados à esquerda, em negrito e caixa alta. Lembre-se: Não coloque ponto final nos títulos.
Corpo do texto	<p>Inicia-se uma linha abaixo do título das seções.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Aspas são utilizadas somente em citações diretas. 2) Negrito é utilizado apenas para dar ênfase a termos, frases ou símbolos. 3) Itálico deverá ser utilizado apenas para palavras em língua estrangeira (<i>for example</i>).
Estrutura	<p>Uma pesquisa é estruturada a partir de aspectos fundamentais:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Introdução, 2) Métodos, 3) Resultados 4) Discussão, <p>Obs: Algumas pesquisas qualitativas podem optar por unificar “Resultados” e “Discussão”, e/ou nomear de forma diferente esses itens. Entretanto, sempre se respeitará a lógica da estrutura de artigos científicos.</p>
Notas de rodapé	<p>As notas de rodapé possuem finalidade explicativa, são inseridas no texto para adicionar considerações complementares, para que o leitor não precise interromper a sequência lógica da leitura para pesquisar autores ou conceitos.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) As notas de rodapé devem ser evitadas. Sempre que possível insira as informações no corpo do texto. 2) Se forem imprescindíveis, utilizar notas de fim. 3) As notas não devem ser utilizadas para referenciar documentos.
CITAÇÕES	<p>Devem obedecer ao sistema autor-data e estar de acordo com a norma NBR 10520 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Citações diretas de até três linhas acompanham o corpo do texto e se destacam com aspas duplas, sem uso do itálico. Exemplo: Autor (ANO, p. 10) afirma que “[...] texto, texto, texto”. 2) Para as citações com mais de três linhas, estas devem ser transcritas em parágrafo distinto. Exemplo: <p>Toda citação direta com mais de 03 linhas é considerada uma citação direta longa. A citação com mais de 03 linhas deve ser escrita sem aspas, em parágrafo distinto, com fonte menor, espaçamento simples e com recuo de 4,0 cm da margem esquerda, terminando na margem direita, conforme ilustrado neste exemplo (AUTOR, ANO, p. 150).</p>

Referências	<p>É responsabilidade do/a autor/a e devem estar de acordo com a NBR 6023 da ABNT.</p> <ol style="list-style-type: none">1) Coloca-se nas referências todas as obras e autores citados no texto.2) Somente as obras e autores citados no corpo do texto, devem ser incluídas ao final, na seção Referências.3) As referências devem incluir endereço eletrônico e data de acesso das obras consultadas que estiverem disponíveis na internet.
-------------	---

Fonte: Autoras (2002)

Além disso, sugere-se aos autores, o mapeamento prévio do seu campo de pesquisa, por meio da identificação dos principais autores e referenciais teóricos da sua temática. Além de verificar as preferências metodológicas adotadas por esses autores no desenvolvimento destes estudos.

FONTES E PLÁGIOS

Pode-se definir como “Autor” ou “Autora” a pessoa criadora de obra -literária, artística ou científica-. Algumas obras possuem mais de uma autoria, então, ela possui uma “coautoria”. O “Direito do autor” é constitucional, entretanto, independentemente de registro de uma produção intelectual, autoria pertence a quem se declara autor, e aqui consiste na problemática de citar sem referenciar. De acordo com o artigo 7º, da Lei 9.610/98:

são obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como os textos de obras literárias, artísticas ou científicas; as conferências, alocações, sermões e outras obras da mesma natureza; as obras dramáticas e dramático-musicais; as obras coreográficas e pantomímicas, cuja execução cênica se fixe por escrito ou por outra qualquer forma; as composições musicais, tenham ou não letra; as obras audiovisuais, sonorizadas ou não, inclusive as cinematográficas; as obras fotográficas e as produzidas por qualquer processo análogo ao da fotografia; as obras de desenho, pintura, gravura, escultura, litografia e arte cinética; as ilustrações, cartas geográficas e outras obras da mesma natureza; os projetos, esboços e obras plásticas concernentes à geografia, engenharia, topografia, arquitetura, paisagismo, cenografia e ciência; as adaptações, traduções e outras transformações de obras originais, apresentadas como criação intelectual nova; os programas de computador;

as coletâneas ou compilações, antologias, enciclopédias, dicionários, bases de dados e outras obras, que, por sua seleção, organização ou disposição de seu conteúdo, constituam uma criação intelectual.

As obras e/ou criações intelectuais e suas respectivas autorias possuem aspectos morais e patrimoniais regulamentados pela Lei 9.610/98:

Art. 28. Cabe ao autor o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra literária, artística ou científica.

Art. 29. Depende de autorização prévia e expressa do autor a utilização da obra, por quaisquer modalidades, tais como:

I - a reprodução parcial ou integral;

II - a edição;

O autor possui direitos morais e patrimoniais, os quais pode, a qualquer tempo, reivindicar a autoria de sua obra, exigindo a menção de seu nome e/ou pseudônimo, bem como, realizar observâncias sobre a utilização, direta ou indireta, da obra literária, artística ou científica mediante representação, recitação ou declamação.

Realiza plágio “quem usa trechos de obras de outrem sem lhes atribuir a devida autoria” (MENEZES, 2007, p. 132). Enquanto conceito, plágio não é apenas a cópia não autorizada explícita de uma obra de outra pessoa – seja ela artística, literária ou científica-, mas existem vários tipos de plágio e autoplágio, conforme podemos analisar no Quadro 4:

Quadro 4 – Tipos de Plágio

Plágio Intencional	O plágio intencional -segundo o site Plágio.net (texto digital) - é aquele que “o redator por vontade própria apresenta desonestamente um texto de outro como sendo próprio, caso, por exemplo, de trabalhos comprados de agências profissionais ou escrito por um amigo (Plágio consentido)”. (Autor)
Plágio acidental	1) “o redator, por descuido ou mesmo falta de competência metodológica, não soube indicar (citar) e identificar (referenciar) claramente para o leitor as fontes consultadas”. Ainda, acontece quando “o redator pensa que ao consultar uma fonte e redigir um resumo com as próprias palavras não é plágio”, pois, “o plágio não se refere apenas a cópia literal, mas também a reprodução de ideias sem a indicação da fonte” (PLÁGIO.NET, texto digital). (Autor, p.55) 2) O plágio acidental acontece por desconhecimento técnico é quando o plagiador desconhece as normas de citação por mero ato ocasional, ou seja, por falta de tempo e dificuldade na escrita, copia-se e cola-se textos em um trabalho sem saber que deve citar o(s) autor(es) e mencionar a obra da qual o texto foi copiado (MAIA; ARAÚJO; MAIS).

Plágio transliterar	Paráfrases com fontes não referenciadas.
Autoplágio	Publicar um mesmo trabalho duas ou mais vezes, em distintas mídias/periódicos e/ou apresentá-los em eventos, não referenciando sua publicação inicial.

Fonte: Adaptado de Autor (2007).

Conforme detalhamento do Quadro 4, um plágio intencional, acidental, pode caracterizar-se como:

i) “Integral” apresenta cópia de uma produção intelectual em sua totalidade, sem mencionar a fonte;

ii) “Parcial” apresenta cópias, colagens, parágrafos, frases de autorias distintas sem mencionar, ou citar referenciar adequadamente sua respectiva autoria.

iii) “Conceitual”: apresenta a essência de determinada obra, e/ou ideia de um autor, com palavras distintas do texto original, sem mencionar e referenciar a fonte.

O plágio conceitual pode ser uma expressão de “Epistemicídio” termo criado por Boaventura de Sousa Santos (2010), para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais decoloniais.

Existem sanções civis e penais previstas para a violação de direitos autorais:

Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos:
 Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa.
 § 1º Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente:
 Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.
 (Redação dada pela Lei nº 10.695, de 1º.7.2003).

No meio acadêmico para não cometer um crime, basta habituar-se a mencionar e referenciar adequadamente às fontes de suas consultas e pesquisas, além de conhecer os aspectos estruturais de uma pesquisa acadêmica.

Consideram-se fontes seguras materiais científicos, apresentados em eventos científicos, e/ou publicados em revistas, periódicos e/ou instituições com reconhecida confiabilidade, e/ou histórico de realização de pesquisas, com

métodos bem definidos e descritos, que possibilitem que quaisquer procedimentos científicos sejam averiguados e/ou reproduzidos e confirmados.

COMO DESENVOLVER UMA PESQUISA RELEVANTE?

Desenvolver uma pesquisa e/ou trabalho relevante está intimamente relacionado com a capacidade do autor em delimitar e detalhar o método minuciosamente. Foi o que constatou Gatti (2002) no artigo “A construção da pesquisa em educação no Brasil” ao analisar trabalhos de pesquisadores da área da Educação, seus respectivos papéis sociais e consistência metodológica. Para a autora, “estudos frágeis metodologicamente parecem não ter muita ressonância social”, ou seja, as pesquisas mais “rigorosas” são mais “vigorosas”, e isso se dá porque:

Historicamente observa-se que estudos para serem tomados como conhecimento relevante e ter penetração social, mais amplamente, ou regional ou localmente, precisam carregar em si um certo tipo de possibilidade de abrangência, com aderência ao real, tocando de forma inequívoca, não ambígua, vaga ou arbitrária, em pontos críticos do concreto educacional vivido. Há pesquisas “politicamente interessantes” ante certos grupos, mas que mostram fôlego curto face aos desafios do mundo da educação em seus diferentes setores e níveis (GATTI, 2002, p. 14).

A autora identificou exatamente o que fora mencionado no início deste artigo: a existência de uma supervalorização da utilização de técnicas quantitativas e métricas como instrumentos metodológicos na realização da pesquisa em educação no Brasil.

Entretanto, a autora destaca e problematiza que “não se trata de assumir que essas questões sejam desprezíveis” (GATTI, 2002, p.18), mas, sim de encarar que a ciência não possui uma metodologia para discutir educação, apesar da predominância de padrões metodológicos que consolidaram as ciências nos últimos séculos. Tal padrão consolidado reproduz o “modelo metodológico” replicável constituído por meio de uma suposta e questionável “neutralidade do pesquisador”.

[...] sustentando toda esta objetivação, na verdade, há uma crença, a crença de que a realidade é mensurável e traduzível em funções explicativas, universais, por um pesquisador neutro, e que somente este tipo de abordagem do real traz conhecimento verdadeiro (GATTI, 2002, p. 30).

Deste modo, assim como em outras áreas do conhecimento, criou-se uma tradição na realização da pesquisa em Educação, consolidou limites e abordagens, entretanto, as perspectivas críticas ampliaram o leque metodológico de análise.

Porém, na atual conjuntura política, há uma “faca de dois gumes”, tal como a autora destaca “a afirmação genérica de que nada é neutro” não pode dar margem para a perspectiva “negacionista” que deslegitima a ciência, reduz a pesquisa há mera “opinião do próprio pesquisador”, e não, resultado de uma perspectiva metodológica séria à luz de determinada perspectiva metodológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolver de uma pesquisa científica, assim como GATTI (2002) adverte em seu estudo, pesquisadores precisam estar atentos à “apropriação de teorias”, pois, esse aspecto também reflete na fragilidade e superficialidade dos trabalhos científicos, que não atribuem rigorosidade e consistência as técnicas utilizadas, e que nesse quesito assemelham-se com os problemas metodológicos de abordagens qualitativas.

Independentemente da predileção do método —qualitativo, quantitativo ou misto, a metodologia que se pretende utilizar é a natureza do estudo realizado, o que implica em selecionar caminhos distintos e específicos para compreender e analisar seu objeto de pesquisa, e isso, não abre precedente para desqualificar outras abordagens metodológicas, pelo contrário. Ao saber pontuar e distinguir aspectos fundamentais da produção de texto/escrita, do método, e da pesquisa, facilita-se o trabalho, pois temos delineados os limites e desafios de cada instrumento utilizado para realização do trabalho acadêmico.

Conclui-se, portanto, que “Quem tem medo do método”, na realidade, possui dificuldade e/ou desconhece os aspectos estruturais fundamentais que compõem uma pesquisa científica. E, por isso, têm medo/receio da ação prática

que consiste abandonar às abstrações, e transformar a sua pesquisa, em uma ação/produto concreto, por meio da escrita e/ou realização de uma produção teórica.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, C. L. S. Hermenêutica e Dialética: Hegel na perspectiva de Gadamer. In: ALMEIDA, C. L. S.; FLICKINGER, H; ROHDEN, L. (org.). **Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans Georg Gadamer**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 61 - 115.

BRAGATO, Fernanda Frizzo. Para além do discurso eurocêntrico dos direitos humanos: contribuições da descolonialidade. *Novos estudos jurídicos*, v. 19, n. 1, p. 201-230, 2014

CORDEIRO, G. R.; DIAS, V. F.; MOLINA, N. L. Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos. 2.ed. Curitiba: Intersaberes, 2014.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERNANDES, C. T. Como escrever um artigo científico. Florianópolis, 2002. Palestra. Disponível em: <www.inf.ufsc.br/~fal.queto/aEstrut_Trabs/Como-Escrever-Artigos-Clovis-Torres.doc>. Acesso em: 21 out. 2018.

FLORES, Joaquín Herrera. El vuelo de Anteo. Derechos humanos y crítica de la razón liberal. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2000.

MENEZES, Elisângela Dias. Curso de Direito Autoral. Belo Horizonte: Del Rey, 2007.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica. São Paulo: McGraw Hill, 1986.

BASTOS, C. L.; KELLER, V. Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (Org.). A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. São Paulo: Papyrus, 2008.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COMPARATO, Fábio Konder. Fundamento dos Direitos Humanos. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 1997.
- CORDEIRO, G. R.; DIAS, V. F.; MOLINA, N. L. Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos. 2. ed. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- GADAMER, H.-G. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015
- GALLARDO, Helio. Teoria crítica: Matriz e possibilidade de Direitos Humanos. Campinas: Unesp, 2014.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- _____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KONDER, L. **O que é dialética**. 28. ed. Brasília: Editora Brasiliense, 2012.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan./jun. 2007.
- MORAES, R. **A educação de professores de ciências**: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores. 1991. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 1. ed. Ijuí: Editora

Unijuí, 2007.

ORWELL, George. 1984. 29ª ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 2005.

PREMEBIDA, A. et. al. Pesquisa social. Curitiba: InterSaberes, 2013.

RICHARDSON, R. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005.

ROHDEN, L. Filosofando com Gadamer e Platão: Movimentos, Momentos e Método(s) da Dialética. Revista Dissertatio de Filosofia, Pelotas, v. 36, s.n., p. 105-130, 2012.

RUBIO, David Sánchez. Crítica a una cultura estática y anestesiada de derechos humanos. Por unarecuperación de las dimensiones constituyentes de la lucha por los derechos. Revista Derechos y Libertades, n. 33, 2015.

RUIZ, Jefferson Lee de Souza. Direitos Humanos e Concepções Contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul., São Paulo: Cortez 2010.

SETUBAL, A. A. Pesquisa em serviço social: utopia e realidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SIMKA, Sérgio. A PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO NA UNIVERSIDADE: A ESCRITA COMO PROCESSO. VERBUM (ISSN 2316-3267), n. 12, p. 16-24, out.2016

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C.; SCHMIDT, E. B. Interpretações Fenomenológicas e Hermenêuticas a partir da Análise Textual Discursiva: a Compreensão em Pesquisas na Educação em Ciências. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 311-333, dez. 2016.